

CAMPO SANTO

MANUEL GANTES

7 NOVEMBRO — 7 DEZEMBRO 2017





Campo Santo 1/20, 2017.
Óleo sobre tela,
20 x 16 cm

SALA DA GRANDE
GUERRA

MUSEU MILITAR
DE LISBOA



OBJETOS Chapa para el capitán "Adrian" - Francia
Medal for the Adrian Malnet - France

Esta medalla, otorgada por el Gobierno de la República de Francia, es un reconocimiento a la valiente conducta del capitán "Adrian" Malnet, jefe de una destacada unidad, que se distinguió en la batalla de Verdun, el 21 de febrero de 1916.

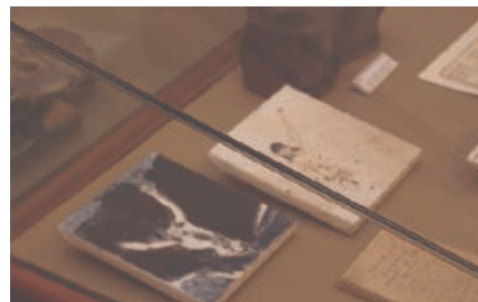
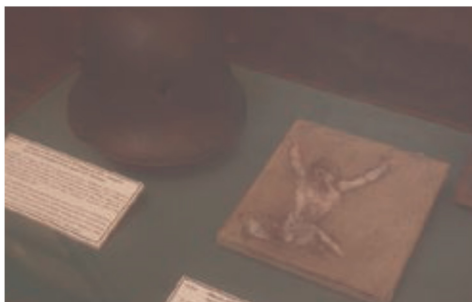
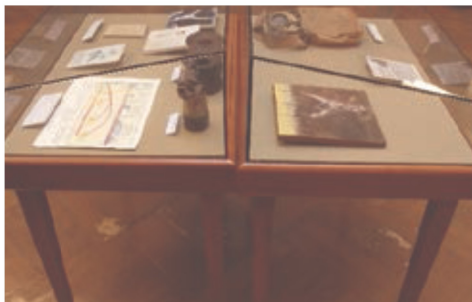
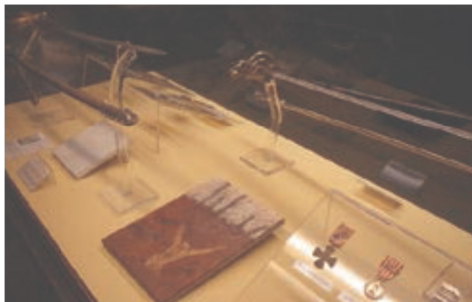
Medalla otorgada al capitán "Adrian" Malnet, jefe de una destacada unidad, que se distinguió en la batalla de Verdun, el 21 de febrero de 1916.



Capacete francês Adrian, modelo de 1915
French helmet Adrian, model from 1915

Este capacete, inspirado no modelo usado pelos soldados franceses de guerra, foi desenvolvido e fabricado pelo Exército Francês em 15 de Maio de 1915. Característica a construção original deste capacete foram os seus 10 ganchos, que são fabricados com alumínio. Antes de ser usado entre os aliados franceses, já era usado no 1ºº Guerra.

This helmet was inspired by the model used by the French (allies) of WW1. It was officially adopted by the French Army on May 15th of 1915. Opposite to the mass manufacturing of helmets, which were made of cast iron plate, this one was made several pieces of steel joined together. It was not very resistant and weighed 3.5kg approx.



*CAMPO SANTO,
TERRA QUEIMADA*

Cristos das trincheiras. Céu negro, sem luz, linhas de sombra. A pintura como evocação de um tempo transversal, um tempo que nunca se repete e no entanto é um tempo de desgaste. Sombra celeste.

Flandres, vale da ribeira de La Lys, dia 9 de Abril de 1918, os soldados portugueses são massacrados pela máquina de guerra alemã.

A consciência, as trincheiras do medo e da impotência que se abatem pensadamente sobre este pequeno país, o fogo, as chamas, a guerra, as vítimas, no limite todos vítimas mas uns mais que outros. Os outros.

Écran branco ou negro? Rarefação ou saturação? Natal, Páscoa, Carnaval ou Quaresma?

Pontuação, valor estrutural? O quadro, o enquadramento é limitação necessária. O quadro dentro do quadro. Visível e legível. Inconsciente?

Um conjunto. O todo e as partes. Vasos comunicantes. Quadros de guerra. Linha de fogo. Fio de tempo. Sempre fora de campo mesmo nas imagens mais fechadas – porque existe a imagem espiritual. Ou a imortalidade cósmica (Borges) ou o infinito azul (Poe). Que realidade espiritual?

Espaço e tempo (para Borges, em pensamento, podemos prescindir do espaço mas não do tempo).

Os sentidos... O tempo flui... O tempo é movimento perpétuo... somos coisas nos espaços do tempo... A memória é feita, em boa parte, de esquecimento... a memória é morte (el olvido es la muerte)... A invenção da eternidade... A memória: o presente do passado. Para Platão o tempo era a imagem móvel da eternidade... No entanto o ser é mais que o universo, mais do que a eternidade.

Tudo é superfície... e a economia? A economia da superfície...

O momento presente: o presente contínuo fora do tempo...

Presente contínuo. O outro nós. O outro em cada um. Fora de campo. Enquadramento: a ordem do visível?...geometria da guerra. Divisão, deriva. Divisível. Cristo nas trincheiras... Perspectiva no tempo, horizonte, ponto de vista... estado primitivo. a tendência escondida, plano destruído.

Linhas de luz. Luz negra. Sombras de luz. Restos de Luz. Rastros de luz. Morrem amando. Fuga para a frente. *Maternatura*. Alma *Mater*. Ver a luz. Restos de luz. Luz morta. Memória de luz. Linhas de Lys. Céu sem cor, cristos de guerra, cristos da guerra. Cristos das trincheiras. Nós fomos os outros.

“(...) Fala-se antes e sobretudo de desvios, de escapatórias, de falsos caminhos. E quem hoje vive num país europeu sabe como muitos não resistem à tensão atroz — uma tensão que se estende do conflito pessoal entre a necessidade de repouso e a capacidade de decisão, que se estende da necessidade material mais simples e inadiável às questões mais gerais e no entanto prementes da política, do futuro económico, social e cultural — uma tensão a que ninguém escapa ileso. E se, não obstante, a juventude tenta escapar ileso, por conscienciosa que seja no modo como interprete a sua fuga, ainda assim traz na testa a marca de Caim, a marca de quem traiu o irmão.”¹

A exposição consta de cerca de duas dezenas de pequenas pinturas criadas expressamente para a ocasião, instaladas provisoriamente no espaço do Museu Militar.

Manuel Gantes

Roma-Lisboa, Agosto/Setembro de 2017

1 Annemarie Schwarzenbach, “Morte na Pérsia”, p.14. Tradução de Isabel Castro Silva, Tinta-da-China, Lisboa, 2008.





SALA DA GRANDE
GUERRA

MUSEU MILITAR
DE LISBOA